

Representações simbólicas e leitura interpretativa das sombras de coisas e objetos

Symbolic representations and interpretive readings of the shadows of things and objects

Representaciones simbólicas y lectura interpretativa de las sombras de las cosas y los objetos

DOI: 10.54901/educa.v9-594

Maria Auxiliadora Coelho Pinto¹

RESUMO: Esta pesquisa surgiu a partir dos debates promovidos no curso de doutorado, os quais despertaram o interesse por uma temática ainda pouco explorada no meio acadêmico, mas que se revelou significativa e pertinente para compreender as relações entre sujeito, espaço e cultura. Constatou-se que as sombras ocupam um lugar importante no cotidiano, adquirindo novos sentidos conforme o contexto. O objetivo geral foi interpretar as diferentes formas, gestos e representações simbólicas das sombras no espaço social, articulando as dimensões do real e do imaginário. Os objetivos específicos foram: interpretar os códigos e as linguagens simbólicas expressas nas formas e gestos das sombras, decodificando como elas traduzem anseios, medos ou narrativas do cotidiano; e decifrar a multiplicidade de sentidos das projeções cotidianas, interpretando de que maneira diferentes contextos socioculturais ressignificam o papel da sombra de mero elemento físico para um produtor de significados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, fundamentando-se em: observação; uso de diário de campo e registros fotográficos; análise reflexiva dos dados. Conclui-se que a sombra, para além da ausência de luz, comunica, representa e produz sentidos, transitando entre o concreto e o simbólico. O estudo amplia a discussão acadêmica reforçando a importância de um olhar sensível e interpretativo.

Palavras-chave: sombras; significados; imaginário; interpretação; espaço social.

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento científico se constrói no movimento entre o que já está dado e o que ainda pode ser descoberto. É nesse entre-lugar que emergem temas capazes de provocar novas formas de olhar, pensar e interpretar o mundo. O presente trabalho, intitulado *Representações simbólicas e leitura interpretativa das sombras de coisas e objetos*, insere-se nessa perspectiva ao propor uma reflexão sobre as sombras enquanto fenômeno que extrapola sua dimensão física e assume contornos simbólicos no espaço social.

¹Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: mcpinto@uea.edu.br

A motivação para esta investigação surgiu das discussões promovidas em sala de aula durante o curso de doutorado em Sociedade Cultura na Amazônia. Inicialmente, a temática das sombras parecia possuir pouca relevância no meio acadêmico. Entretanto, à medida que os conhecimentos teóricos e conceituais eram aprofundados, evidenciou-se a pertinência do objeto para a compreensão das relações entre sujeito, espaço e cultura a partir das reflexões propostas e pelas observações de diferentes contextos do cotidiano.

Diante disso, colocou-se como questão central: de que maneira as diferentes formas e gestos das sombras podem ser interpretados como representações simbólicas que articulam as dimensões do real e do imaginário no espaço social? Para responder a essa inquietação, definiu-se como objetivo geral: interpretar as diferentes formas, gestos e representações simbólicas das sombras e suas representações simbólicas no espaço social, articulando as dimensões do real e do imaginário. Os objetivos específicos foram: interpretar os códigos e as linguagens simbólicas expressas nas formas e gestos das sombras, decodificando como elas traduzem anseios, medos ou narrativas do cotidiano; e decifrar a multiplicidade de sentidos das projeções cotidianas, interpretando de que maneira diferentes contextos socioculturais ressignificam o papel da sombra de mero elemento físico para um produtor de significados.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, cuja metodologia se fundamentou na observação nos espaços internos e arredores da Universidade Federal do Amazonas, bem como em pontos centrais de Manaus, a fim de analisar objetos e fenômenos sob o prisma das sombras e permitir que os aspectos interpretativos fluíssem livremente. Ainda, fez-se uso de diário de campo, registro fotográfico e análise reflexiva dos dados à luz dos debates teóricos realizados em sala de aula.

Embora tradicionalmente associadas a uma explicação física, as sombras vêm sendo compreendidas, em diferentes campos do conhecimento. Para isso, nos valem das contribuições de Bachelard (1990), Casati (2001), Durand (2002), Mauss (2003), Santos, M.

(2006), Morin (2007), Geertz (2008), Santos, A. (2019), entre outros. Neste sentido, estudar as sombras é fundamental. Ao compreendê-la para além da mera ausência de luz, reconhecendo-

a como uma linguagem que comunica, representa e produz sentidos, esta pesquisa busca ampliar o debate sobre o tema. Além disso, reafirma a importância de um olhar sensível e interpretativo para os elementos cotidianos na contemporaneidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Dialogar e pensar cientificamente é aceitar que o conhecimento nunca está pronto. Ele se transforma, se atualiza e se refaz a cada dúvida que surge e a cada perspectiva que rompe com o previsível. É dessa inquietação que nascem temas de pesquisa. Temas que, à primeira vista, podem parecer triviais, mas que guardam em si grande profundidade e significação. É o caso das sombras: elementos comuns do dia a dia que, quando observados com atenção, desvelam significados que vão muito além do visível, chegando a se revelar culturalmente. Casati (2001, p. 71) diz que “toda sombra é sombra de algum corpo; dois, um corpo não projeta sua sombra através de outro [...] para fazer sombra, um corpo tem de receber luz”.

Conforme mencionado, a motivação para a pesquisa emergiu das problematizações realizadas nas aulas do curso de doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia. À vista disso, evidenciou-se a pertinência do objeto para compreender as dinâmicas entre indivíduo, espaço e cultura. Segundo Morin (2007, p. 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social.

A partir das provocações do professor e da subsequente imersão em distintos contextos do cotidiano, verificou-se que as sombras desempenham um papel ativo e relevante na vida em sociedade. Elas assumem novos contornos e significações a depender do ambiente, atuando tanto na função prática de abrigo e proteção (a exemplo de automóveis estacionados sob árvores) quanto na criação de projeções diversas, simbólicas e provocativas.

Historicamente, a sombra foi compreendida apenas em sua dimensão física: uma região de ausência de luz, formada quando corpos opacos barram a propagação dos raios luminosos. Contudo, áreas como a Filosofia, a Antropologia, a Arte e a Psicologia há muito

apontam para os significados simbólicos que elas carregam. Platão (375 a.C./2016), na célebre alegoria da caverna, já utilizava a sombra como metáfora para discutir a relação entre aparência e essência, tensionando o mundo sensível e o mundo das ideias. Jung (1964/2018), por sua vez, desenvolve o conceito de sombra como uma dimensão do inconsciente: aquilo que, embora reprimido ou negado pelo indivíduo, é constantemente projetado no exterior.

No campo das ciências sociais, o espaço não é entendido apenas como suporte físico, mas como lugar de produção de sentidos. Milton Santos (2006) afirma que o espaço é formado

por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Nessa perspectiva, as sombras transcendem a dimensão de meros fenômenos óticos e passam a integrar a própria dinâmica social do espaço urbano. Elas atuam como refúgio físico contra o calor, orientam os deslocamentos cotidianos, produzem estéticas visuais e, sobretudo, manifestam-se como portadoras de uma memória viva. Essa dimensão imaterial evoca uma ancestralidade que ecoa na paisagem e nos corpos, pois, como afirma Santos (2019, p. 23): “Esta é uma fala ancestral. Uma fala que tem uma trajetória”. Assim, o movimento e a permanência sob as sombras revelam uma linguagem histórica e cultural que se atualiza no presente.

A interpretação, por sua vez, é o caminho metodológico que possibilita ler esses signos. Para Geertz (2008), interpretar uma cultura é como ler um manuscrito estranho, desbotado e repleto de lacunas e omissões. Transpondo essa ideia para o objeto desta pesquisa, interpretar as sombras é ler os gestos, as formas e as projeções que emergem no cotidiano e que, muitas vezes, passam despercebidas. É atribuir significado àquilo que se apresenta como vazio ou como margem. Desse modo, compreender as sombras exige romper com leituras prontas e cristalizadas, reconhecendo que o real e o imaginário não se opõem, mas se complementam. Durand (2002, p. 352) corrobora: “o imaginário quer ainda mais que um presente da narração; a compreensão exige que os contraditórios sejam pensados, ao mesmo tempo e sob a mesma relação, numa síntese”.

As imagens que as sombras desenham no espaço circulam entre o concreto e o imaginado, criando sentidos que mudam com o lugar, o momento e o olhar de quem vê. Por conseguinte, este referencial propõe pensar a sombra como um acontecimento de linguagem, de memória e de sentido. Alinhado a essa perspectiva, Casati (2001, p. 217) afirma que “as sombras são imagens inquietantes”. Tomar as sombras como objeto de interpretação no espaço social é, portanto, abrir espaço para um diálogo ainda pouco trilhado na academia, valorizando a riqueza dos detalhes sutis e poéticos que compõem a vida diária.

3 METODOLOGIA

O presente estudo orienta-se por uma abordagem qualitativa. Para Goldenberg (2004, p. 49) “a pesquisa qualitativa objetiva uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social”. Esta escolha metodológica justifica-se pela necessidade de apreender fenômenos que escapam à mensuração numérica, revelando-se por meio de sentidos, vivências e representações produzidas no âmbito social.

Em um primeiro momento, realizou-se um levantamento bibliográfico com base em obras pertinentes ao tema investigado. A seleção do material considerou a relevância teórica e a contribuição para a compreensão da temática, a fim de identificar conceitos e perspectivas que subsidiassem a construção do referencial teórico e a discussão dos resultados. Como procedimentos de coleta de dados, a pesquisa de campo — realizada nos espaços internos e arredores da Universidade Federal do Amazonas, bem como em pontos centrais de Manaus — fundamentou-se na articulação de três técnicas principais: a observação direta dos ambientes, a elaboração de diários de campo e o levantamento fotográfico das configurações e dos movimentos das sombras.

A observação permitiu identificar as distintas expressões dos fenômenos e os significados engendrados no cotidiano. Para Goldenberg (2004), a observação direta soma-se à experiência pessoal do pesquisador no campo. O diário de campo serviu como ferramenta essencial para anotar, em tempo real, as impressões, sensações e análises reflexivas da pesquisadora. Essa prática garantiu o registro imediato de nuances que poderiam se perder com o tempo. Oliveira (2000, p. 34) enfatiza que “os dados contidos no diário e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador”. Assim, o diário consolidou-se como um instrumento de documentação e posterior amadurecimento analítico da pesquisa.

Por fim, o tratamento e a análise dos dados ocorreram por meio de uma abordagem interpretativa. Esse processo consistiu no estabelecimento de um diálogo analítico e integrado entre os registros empíricos coletados, os debates teóricos desenvolvidos em sala de aula e a bibliografia de referência da área.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

4.1 O Simbolismo das Sombras no Cotidiano

No dia a dia, a sombra individual manifesta-se por meio de pequenos deslizes, reações desproporcionais e julgamentos que emitimos acerca do comportamento alheio. Quando essas repressões se somam e encontram ressonância em um grupo, a sombra adquire escala, configurando-se como um fenômeno social complexo que incide sobre a cultura, a política e as relações coletivas.

Em oposição a essa dinâmica de exclusão e projeção, o pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2023) aponta para uma organização social baseada na interdependência e no

respeito à totalidade. Para o autor, o espaço social deve naturalizar o acolhimento, pois “[...] todas as vidas são necessárias, são importantes. A gente corria atrás de um porco para pegá-lo e botá-lo no chiqueiro. A gente brincava de correr para chegar a um lugar, por necessidade” (Santos, A. 2023, p. 26).

Diante disso, procurou-se compreender a sombra para além de sua condição física, reconhecendo-a como uma forma de linguagem que comunica, simboliza e gera sentidos, movendo-se entre o concreto e o simbólico. Portanto, o percurso metodológico adotado permitiu integrar prática, observação e fundamentação teórica, ampliando o debate acadêmico sobre um objeto ainda pouco investigado e reafirmando a relevância de um olhar atento e interpretativo.

Outro ponto suscitado na sala de aula diz respeito ao que se demonstra no estudo a partir das imagens a seguir (1 e 2): a direção do sol como elemento gerador das sombras. Para além de sua função puramente física, a sombra desempenha um papel fundamental no cotidiano. Na dimensão prática, ela serve, por exemplo, para reduzir a temperatura de um veículo estacionado. Contudo, os ganhos que ela proporciona vão muito além da utilidade técnica: a sombra oferece uma profunda sensação de tranquilidade, conforto e proteção para quem dela usufrui.

Imagens 1 e 2 - Coisas e objetos sob a proteção das sombras



Fonte: Maria Auxiliadora Coelho, 2024.

Esse fenômeno se torna ainda mais evidente ao observarmos o comportamento humano nas cidades e espaços abertos. Em dias de calor intenso, corpos em movimento mudam suas rotas e diminuem o passo ao avistar uma área sombreada; pessoas se aglomeram sob a copa de

uma árvore ou outros ambientes públicos em busca de um alívio imediato do sol com intensa carga térmica. Esse ato de recolhimento transforma a sombra em um ponto de encontro espontâneo e de repouso temporário. Assim, a sombra passa a ser compreendida como um elemento arquitetônico e natural que acolhe, abriga e organiza a experiência humana, humanizando os ambientes e fornecendo um refúgio essencial no dia a dia.

Imagens 3 e 4 - O conforto e a tranquilidade no ambiente sob a proteção das sombras



Fonte: Maria Auxiliadora Coelho, 2024.

Nota-se que a sombra também possui uma dimensão espiritual, pois nasce, cresce e morre. Existem momentos em que ela simplesmente desaparece, como ao meio-dia, quando não se consegue ver a própria imagem devido ao sol a pino. Esse instante de sobreposição caracteriza-se como um momento mágico que, na infância, intriga e exacerba a imaginação. Essa percepção individual e imaginativa do mistério dialoga diretamente com a teoria antropológica, como afirma Mauss (2003, p. 173): “De coletivo, a magia procura conservar apenas seu caráter tradicional; todo seu trabalho teórico e prático é obra do indivíduo, ela não é mais explorada senão por indivíduos”.

Ampliar o olhar sobre a sombra é reconhecer que ela não se restringe à ausência de luz ou à proteção física, configurando-se, também, como símbolo, rito e memória. É no jogo entre claridade e obscuridade que se compreendem os limites entre presença e ausência, entre o visível e o oculto. Da mesma forma que a sombra do meio-dia desperta o espanto na infância, na maturidade ela convida à reflexão: o que desaparece quando tudo está excessivamente iluminado? Talvez seja justamente nos momentos de sombra que se localizam os espaços para o cuidado, para a escuta e para a criação de novos modos de existir, de ensinar e de estar no mundo.

A sombra ocupa um espaço e é a partir desse espaço que fazemos a sua análise mais profunda. Então vamos entender o sentido e significado, que vai da simples brincadeira de crianças às discussões teóricas. São essas brincadeiras que, muitas vezes, fazem com que as figuras e objetos saiam do anonimato para o espaço infantil; é um diálogo inocente que depois perpassa para outros espaços da ficção e da realidade.

É ao sonhar com essa intimidade que se sonha com o repouso do ser, com um repouso enraizado, um repouso que tem intensidade e que não é apenas essa imobilidade inteiramente externa reinante entre as coisas inertes. É sob a sedução deste repouso íntimo e intenso que algumas almas definem o ser pelo repouso, pela substância, em sentido oposto ao esforço que fizemos, em nossa obra anterior, para definir o ser humano como emergência e dinamismo (Bachelard, 1990, p. 4).

A sombra funciona como lugar de intimidade onde as pessoas aguardam o namoro, a relação e até os encontros nas beiradas dos rios, no caminho e na floresta. O sol e a sombra regulam o horário que isso pode acontecer. Ainda podemos citar sombras do escurinho do cinema e outros lugares onde podemos passar despercebidos aos olhares curiosos. Há muitas coisas que ficam obscuras sob as sombras, vivas apenas na memória das pessoas; outras surgem e ressurgem no ponto de vista acadêmico. Na ciência, temos o teatro das sombras, o calendário anual do herói, a orientação geográfica, dentre outros.

Nesse sentido, as sombras possuem múltiplas dimensionalidades conceituais que devem ser estudadas, pois a simplicidade das sombras projetadas de coisas e objetos pode despertar grandes devaneios em quem as interpreta. Como afirma Bachelard (1990, p. 174): “[...] é essa contribuição pessoal que torna os arquétipos vivos; cada sonhador repõe os sonhos antigos em uma situação pessoal. Assim se explica porque um símbolo onírico não pode receber, em psicanálise, um sentido único”.

Ampliando essa fundamentação, compreendemos que a sombra escapa a qualquer tentativa de definição fechada. Ela é, ao mesmo tempo, dada físico, imagem poética e símbolo arquetípico. O que vemos projetado na parede não é apenas o contorno de um objeto, mas também a projeção do nosso mundo interno. Cada indivíduo lê a sombra a partir do repertório de sua história, de sua cultura e de seu tempo. É por isso que o teatro de sombras, tão antigo em diversas tradições, continua a encantar: ele relembra que ver é também imaginar. Nesse sentido, como aponta Casati (2001), a sombra pressupõe uma figura que possamos ver ou, pelo menos, conceber na imaginação.

No campo da educação, especialmente numa perspectiva decolonial, estudar as sombras é abrir espaço para outras epistemologias, aquelas que não se explicam apenas pela luz da razão,

mas que nascem da intuição, do corpo, do sonho e da ancestralidade. Assim, a sombra deixa de ser falta e passa a ser potência de criação, de interpretação e de reinvenção de si.

Nos grupos tradicionais, as sombras não se restringem ao plano físico: elas ultrapassam o espaço da cosmovisão e ganham vida própria. Acredita-se que é por detrás das sombras que se manifestam os espíritos e as entidades sobrenaturais.

Imagens 5, 6 e 7 - O simbolismo da sombra como linguagem e projeção de sentidos



Fonte: Maria Auxiliadora Coelho, 2024.

As interpretações, portanto, extrapolam a imaginação e adentram o campo do sagrado. Trata-se de povos profundamente constituídos por crença, cultura e espiritualidade, nos quais a sombra é lida como presença, não como ausência. Nesse sentido, Matos (2001, p. 110) afirma que a “espiritualidade remete o indivíduo a uma análise em busca de perspectivas voltadas à obtenção de respostas relativas a questões interiores, alocadas muitas vezes no inconsciente, que tentam montar respostas às angústias, à ausência de significados e ao vazio existência”.

Baseado nesse entendimento, compreender o significado das sombras no cotidiano e na sociedade é o primeiro passo para desarmar conflitos desnecessários. Enquanto a sombra permanecer oculta, perpetua-se o desgaste dos relacionamentos e o agravamento de divisões sociais. O verdadeiro progresso, tanto pessoal quanto coletivo, não nasce da tentativa de destruir o que se considera imperfeito, mas sim da coragem de olhar para as próprias trevas, integrando-as para que se possa agir com mais empatia, lucidez e maturidade.

Nessa perspectiva, percebe-se que a sombra não é inimiga da luz, mas sua companheira inevitável. Negá-la significa rejeitar parte de nós mesmos e das culturas que nos constituem. Por isso, acolhê-la torna-se um gesto simultaneamente espiritual, político e pedagógico. Esse ato reconhece que o conhecimento também se tece nas brechas, nos silêncios e nas zonas de penumbra. É a partir desse exercício de escuta, interna e coletiva, que podemos construir uma

educação decolonial: uma práxis que não teme a noite, aprende com a escuridão e encontra na sombra um espaço de acolhimento. Mais do que um conceito, a sombra exerce um simbolismo vivo no cotidiano, revelando histórias e saberes que pulsam nas margens e que moldam a nossa realidade.

4.2 Processos Interpretativos das Sombras de Coisas e Objetos

A presente reflexão nasce do encontro entre a teoria e a experiência viva. No campo acadêmico, muitas vezes os conceitos são tratados de forma abstrata, distantes da realidade da vida. Movido pela curiosidade e pelo desejo de alcançar novas perspectivas, este estudo propôs deslocar o pensamento para além dos limites da sala de aula. Durante a vivência nos espaços internos e arredores da Universidade Federal do Amazonas, bem como em pontos centrais de Manaus, buscou-se observar objetos e fenômenos sob o prisma das sombras, permitindo que os aspectos interpretativos fluíssem com maior liberdade.

Até então, não havíamos submetido o significado e a significação das sombras a uma análise sistemática sob o escopo acadêmico. A partir da inquietação epistêmica, deslocou-se do ambiente da sala de aula em direção aos espaços externos da instituição. Nessa imersão empírica, passou-se a mapear a relevância das projeções sombrias a partir de elementos cotidianos que demandavam proteção orgânica, como os veículos estrategicamente dispostos sob as copas das árvores. Paralelamente, as silhuetas projetadas revelavam contornos de forte apelo imagético e abstrato. À medida que o percurso se estendia, as imagens transmutavam-se, assumindo novas configurações formais e densidades semânticas plurais.

A narrativa reporta o pensamento, de forma geral, ao espaço amazônico ao observar e interpretar os aspectos diferenciados e relevantes das sombras, abrindo margem para um rico campo interpretativo. Lança mão, estrategicamente, das imagens dessas sombras para evocar as lembranças do passado (plano do imaginário) e, a partir delas, traçar uma discussão profunda no presente (plano do real). Afinal, nesta perspectiva, as sombras significam circunstâncias vividas, marcas indeléveis do tempo. Essa dinâmica dialoga diretamente com o pensamento de Daniel Munduruku (2002, p. 41):

Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás... Vindo de outros lugares... Iniciado por outras pessoas... Completado, remendado, costurado e... Continuado por nós. De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a sombra, em sua forma e contexto amazônicos, ultrapassa o mero fenômeno físico para se constituir como um arquivo vivo de memória. Ela atua como um elemento que aciona o imaginário coletivo e costura as temporalidades, interligando harmonicamente o passado, o presente e o futuro. Nesse sentido, olhar para as sombras nesses territórios significa reconhecer os saberes ancestrais que insistem em se manter vivos, mesmo diante de históricos processos de transformação. Assim, a sombra transmuta-se em metáfora do próprio ato de pesquisar em educação: um exercício de costura, bricolagem e continuação.

É nesse movimento que se revivem as lembranças do passado. Ao buscar as imagens da infância, emerge a memória das brincadeiras com a própria sombra: tentava pisar nela, moldava animais com as mãos, com o corpo e com objetos e, muitas vezes, fazia com que ela crescesse. Quando a sombra se projetava maior que o normal, a criança se imaginava adulta; uma ficção que misturava corpo, luz e desejo. Entre um experimento e outro, as coisas e os objetos iam tomando forma; a sombra revelava seu potencial de criação. Em consonância com essa compreensão, Geertz (2008, p. 67) assegura:

Denota um padrão de significado transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressa em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Os aspectos interpretativos e a criatividade vocalizavam e davam asas à imaginação quando essas mesmas imagens eram recriadas pelas mãos para dar vida a animais e figuras lúdicas, como coelhos, aranhas, pássaros e fantasmas. Por outro lado, esse mesmo território da projeção também abriga a densidade, manifestada por sombras consideradas estranhas. Representadas por lugares escuros, elas são comumente associadas a energias negativas, ao medo e a impressões de perigo.

Em outra direção, Casati (2001, p. 223) afirma que “as almas dos mortos (por serem sombras) não fazem sombra [...]”. Essa perspectiva amplia a compreensão do fenômeno, revelando que a sombra possui uma dupla face: ao mesmo tempo que encanta e cria, ela também assusta e interdita. Na infância, essa ambiguidade é vivida de forma intensa, revelando que o mesmo elemento, capaz de disparar o encantamento e a brincadeira, pode, em um lampejo, acionar o arquétipo do mistério e do desconhecido. Assim, para a criança, o brincar com as sombras torna-se uma Pedagogia do visível e do invisível, onde o medo e o fascinante coabitam o mesmo espaço.

Imagens 8, 9 e 10 - Projeção de sombras com as mãos



Fonte: Maria Auxiliadora Coelho, 2024.

O mesmo gesto manual que projeta a figura inocente de um coelho na parede pode, no instante seguinte, transfigurar-se em um monstro ameaçador. Essa oscilação lúdica e contínua revela que a sombra, longe de ser apenas ausência de luz, educa o olhar. Ela ensina sobre os limites da percepção: delimita o que é visível e o que permanece oculto; desvela o que acolhe e o que amedronta. Reconhecer essa dupla dimensão da sombra é um imperativo ético e pedagógico. Afinal, negar a sombra “estranha”, aquilo que insistimos em reprimir, esquecer ou rotular como desvio, é o mesmo que amputar uma parte viva da experiência humana.

Imagens 11, 12 e 13 - Expressividade das sombras como linguagem visual



Fonte: Maria Auxiliadora Coelho, 2024.

Todavia, há um poder oculto em acolhê-la. Decifrá-la nos revela um segredo: o medo, a dúvida, o erro e a própria noite não são fardos a serem destruídos. São, na verdade, os eixos

invisíveis que nos ensinam a aprender, a criar e a existir. No fim, o mistério é simples: é apenas no contraste da penumbra que a luz ganha contorno.

Embora fizesse parte de experimentos, brincadeiras e momentos de descontração na infância, a sombra também carregava tabus e crendices. Ela frequentemente aterrorizava o imaginário com pressentimentos de fantasmas, demônios, anjos e entidades sobrenaturais. Os mais velhos diziam que não prestava brincar com as sombras, pois elas poderiam se rebelar e, à noite, provocar sonhos ruins, pesadelos e aparições, além de fazer com que a pessoa urinasse na cama ou na rede durante o sono. Mencionavam, também, que crianças e adultos precisavam ter cuidado com as sombras ao tomar banho de rio em horários impróprios, como ao meio-dia e às seis horas da tarde, porque os espíritos do fundo do rio poderiam roubar ou encantar por intermédio das sombras.

Por conta de situações como as apresentadas acima, nutria-se o sentimento de medo. A palavra dos mais velhos sobre essas questões era incontestável. Nesse limiar entre o real e o imaginário, tentava-se decifrar mistérios, pois a sombra é puro misticismo: tanto na forma enigmática que projeta quanto na maneira como é interpretada.

Imagens 14, 15 e 16 - As sombras na produção de sentidos no cotidiano



Fonte: Maria Auxiliadora Coelho, 2024.

Para os povos tradicionais, essas forças não são meros mistérios: há um respeito profundo pela transmissão desse legado e uma aceitação natural daquilo que habita o desconhecido. Contudo, o enigma não para por aí. Na produção deste trabalho, as sombras projetadas por objetos comuns forçaram um olhar muito mais apurado. O que parecia apenas escuridão mostrou-se um campo científico rico, deslocando o tema do campo sobrenatural e conferindo-lhe o crédito, o rigor e a relevância que a perspectiva acadêmica exige.

O conhecimento constitui-se como um processo dinâmico e em constante movimento, renovando-se continuamente por meio de investigações que provocam novas formas de pensar e interpretar o mundo. Nesse percurso, jamais se imaginou que a projeção das sombras pudesse conduzir a reflexões tão profundas sobre os caminhos do saber científico. Compreende-se que conhecer é abrir novas trilhas, sem se aprisionar a modelos rígidos que se perpetuam nas academias.

Muitas das teorizações consagradas, embora importantes em seu tempo, tornam-se insuficientes diante de novas frentes de pesquisa e de olhares que desafiam o estabelecido. É justamente nesse espaço de ruptura que emerge a possibilidade de pensar as sombras não apenas como ausência de luz, mas como uma linguagem científica e fenomenológica carregada de sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pela temática deste trabalho despontou das discussões e debates realizados no curso de doutorado. Em um primeiro momento, as sombras pareciam um objeto de menor relevância para o campo acadêmico. Contudo, à medida que os referenciais teóricos e conceituais foram aprofundados, aspectos relevantes emergiram a ponto de aguçar a curiosidade, tornando evidente a pertinência desse tema para a compreensão das relações entre sujeito, espaço e cultura. As provocações do docente, somadas à observação de distintos ambientes cotidianos, revelaram que as sombras ocupam um lugar de destaque na vida social. Elas se apresentam tanto na função prática de proteção e abrigo, quanto na produção de imagens múltiplas e instigantes que assumem novos significados a depender do contexto.

Ao adotar uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, esta pesquisa buscou ir além da compreensão da sombra como mero fenômeno físico. Além da pesquisa bibliográfica, realizou-se a pesquisa de campo com observações nos espaços internos e arredores da Universidade Federal do Amazonas, além de pontos centrais de Manaus. O objetivo foi investigar objetos e fenômenos sob a perspectiva de suas sombras. A análise dos dados possibilitou reconhecer essa manifestação como linguagem: um sistema que comunica, representa e expressa intenções, transitando permanentemente entre o concreto e o imaginário.

Este estudo trouxe compreensões importantes sobre a interpretação dos fatos cotidianos, dos gestos e das expressões corporais, bem como dos processos interpretativos que deram forma aos episódios vivenciados durante as experimentações. Portanto, entende-se que foi alcançado

objetivo geral de interpretar as diferentes formas e gestos das sombras e suas representações simbólicas no espaço social, articulando as dimensões do real e do imaginário.

Sob essa ótica, constata-se que estudar tais projeções é também investigar os modos pelos quais os sujeitos atribuem valor ao mundo que habitam. Longe de se reduzir à ausência de luz, a penumbra revela-se como potência interpretativa, capaz de desvelar dinâmicas do imaginário social e das experiências cotidianas. Reafirma-se, com isso, que o conhecimento se constrói no movimento, na ousadia de problematizar o óbvio e na disposição de enveredar por rumos ainda não trilhados, convidando-nos a ver para além do visível e a pensar o espaço coletivo como um campo fértil de vivências em constante construção.

Discutir temas pouco explorados na academia exige tanto audácia quanto responsabilidade, demandando um exercício de escrita que dialogue de forma direta com uma sociedade diversa, plural e multicultural. Interpretar as nuances escuras implica romper com leituras prontas, adentrar o campo das incertezas e buscar novos horizontes conceituais. Diante disso, ao propor tal leitura metodológica, esta pesquisa contribui para ampliar o debate acadêmico e estabelecer um nexos mais sensível com as múltiplas formas de existência e representação na realidade.

Assim, as sombras deixam de ser apenas um fenômeno da física para se tornarem epistemologia: um modo de conhecer, de sentir e de resistir. Configuram-se, em última análise, como um horizonte teórico fundamental para compreender as representações simbólicas e consolidar uma leitura interpretativa das formas e objetos que tecem o nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CASATI, Roberto. **A descoberta da sombra**: de Platão a Galileu, a história de um enigma que fascina a humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação da Culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018.

MATOS, Francisco G. **Empresa com alma: espiritualidade nas organizações**. São Paulo: Makron Books, 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário**: um mergulho no rio da (minha) memória. Ilustrações Rogério Borges. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

OLIVEIRA, Roberto. Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 5. ed. Belém: ed.Ufpa, 2016

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético**. Tecendo redes antirracistas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.